

## MANUEL BANDEIRA E A POESIA SOCIAL

Lúcia Granja\*

### RESUMO

*O poeta Manuel Bandeira, ao referir-se à sua obra, considerou-se muitas vezes um “poeta menor”. Muitas vezes julgou que o tom de sua poesia era de quase desabafo e deixou de valorizar, entre outros aspectos, seu caráter social. Este trabalho propõe-se a discutir essa opinião do poeta, através da análise de alguns de seus textos.*

**Palavras-Chave:** Manuel Bandeira - Poesia Brasileira - Poesia Social - Modernismo.

### ABSTRACT

*Manuel Bandeira, Brazilian modernist poet, defined himself as a humble style poet. A lot of times he considered his poetry a confession. He also didn't valorize social characteristics of his work. This paper discusses these opinions by analyzing some of his texts.*

**Key- Words:** Manuel Bandeira - Brazilian Poetry - Social Poetry - Modernism.

Em *Itinerário de Pasárgada*, livro de memórias que Manuel Bandeira publicou em 1954, sem imaginar, talvez, que ainda teria oportunidade de recolhê-las por mais de trinta anos, até sua morte em 1968, o poeta diz a determinada altura:

---

\* Doutora em Letras pela UNICAMP. Professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Professora do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira das Faculdades Padre Anchieta.

"Em *"Chanson des petits esclaves"* e *"Trucidaram o rio"* aparece pela primeira vez em minha poesia a emoção social. Ela reaparecerá mais tarde em *"O Martelo"* e *"Testamento"* (...), em *"No vosso e em meu coração"*, e na *"Lira do Brigadeiro"*(...). Não se deve julgar por essas poucas e breves notas a minha participação, mas sei, de ciência certa, que sou um poeta menor. Em tais paragens só respira à vontade entre nós, atualmente, o poeta que escreveu o *Sentimento do Mundo* e a *Rosa do Povo*."<sup>1</sup>

O estilo humilde do "poeta menor" tem sido definido pela melhor crítica de Bandeira como um dom raro de extrair o poético mais sublime do cotidiano mais prosaico. Uma atitude pessoal que se tornou característica estilística marcante da obra do poeta.<sup>2</sup> Assim, considerar-se um poeta menor, servido unicamente pela voluntariosa inspiração, incapaz de criar em plena lucidez como sugerem as lições de alguns de seus mestres, Valéry e Mallarmé por exemplo, são definições de sua própria personalidade artística, que Bandeira nos apresenta em seu livro de Memórias.<sup>3</sup>

O olhar do artista, que o poeta apresenta sobre sua obra, longe de aquietar as desconfianças críticas, deve provocar uma inquietação de busca. Nesse caso específico, pretendemos lançar um olhar para a afirmação Bandeiriana de que a emoção social de sua obra é pouca, apesar do seu desejo de participação. Longe de discutir que as referências que faz a Carlos Drummond de Andrade sejam imprecisas, pois, com certeza, o autor de *Sentimento do Mundo* e a *Rosa do Povo* navegou à vontade pelas paragens do social, principalmente nessa fase de sua obra referida por Bandeira, pretendemos observar como o desejo de participação social que o poeta manifesta explicitamente, realizou-se em sua obra, não de forma programática, mas de maneira intensa nas vezes em que aconteceu.

Curiosamente, um dos poemas de Bandeira mais carregados dessa emoção social não aparece citado na pequena lista que faz das ocorrências de ocorrências desse desejo poético em sua obra. Trata-se de *"Meninos Carvoeiros"*, que analisaremos mais detalhadamente adiante.

---

<sup>1</sup> BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*, pg 102.

<sup>2</sup> Tais idéias foram desenvolvidas pelos estudos e ensaios de Davi Arrigucci Jr sobre Manuel Bandeira. Conferir principalmente. ARRIGUCCI Jr, Davi. *Humildade, Paixão e Morte*.

<sup>3</sup> BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*.

Bandeira afirma que a primeira ocorrência do desejo de emoção social realizou-se em sua obra em “*Chanson des petits esclaves*”, um poema que o autor incluiu em *Estrela da manhã*, livro publicado em 1836. Vejamo-lo a seguir:

### **Chanson des Petits Esclaves**

Constellations

Maîtresses vraiment

Trop insouciantes

O petits esclaves

Secouez votre chaînes

Les cieux sont plus sombres

Que les beaux miroir

Finis les tracas

Finie toute peine.

O petits esclaves

Black-boulez les reines

La folle journée

J’aurai vite fait

D’avoir mis d’amblée

Toutes les sirènes

Sous mes arrosoirs

Car voici demain

O petits esclaves

Secouez vos chaînes  
Donnez-vous la main.<sup>4</sup>

Longe de apresentarmos uma tradução poética, seguem os versos acima transpostos para o Português:

**Canção dos escravozinhos**

Constelações  
Amantes verdadeiramente  
Demasiado despreocupadas  
Ó escravozinhos  
Sacudi vossas correntes

Os céus são mais sombrios  
Que os belos espelhos  
Terminadas as preocupações  
Toda a dor é finda.

Ó escravozinhos  
Destituí as rainhas

A louca jornada  
Eu terei acabado rapidamente  
Por ter colocado logo  
Todas as sereias  
Sob meus regadores

---

<sup>4</sup> BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*, pg 129.

Pois aí está o amanhã

ZÓ escravozinhos

Sacudi vossas correntes

Dai-vos a mão.

Embora o poema apresente uma dose de hermetismo, percebemos a preocupação evidente com a opressão e as formas de combatê-la, a organização, o dar-se as mãos do conselho final do eu-lírico. Trata-se de um poema em que há, evidentemente, uma vontade poética de não deixar intocada a questão social que incomoda, sendo o tema desenvolvido nesse sentido exato. Talvez por isso Bandeira tenha considerado essa a sua primeira aventura pelo campo do social, explícita, produzida pela vontade consciente de composição, a qual, tantas vezes, ele lamentou tê-lo abandonado pelo caminho.

No entanto, a expectativa da vontade **consciente** de produção da poesia social, e da existência de um programa determinado no caminho de sua produção, diminuem as possibilidades de observação de quantas vezes, na obra do poeta, o olhar lírico por sobre o cotidiano flagrou os elementos do social, os quais, contudo, estão fortemente presentes em muitos de seus poemas. São realmente inúmeros e podemos incrementar a lista anteriormente citada, elaborada pelo próprio poeta: “Meninos Carvoeiros”, “Poema do Beco”, “Poema Tirado de uma Notícia de Jornal”, “O Bicho”, “Boi Morto”, “Balõezinhos”, entre outros. Entre esses, podemos citar um que desenvolve claramente a sua temática social. “O Bicho” foi escrito no Rio, em 27 de dezembro de 1947, e publicado em Belo Belo, 1948:

O Bicho

Vi ontem um bicho

Na imundície do pátio

Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,

Não examinava nem cheirava:

Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,

Não era um gato,

Não era um rato.

O bicho, Meu Deus, era um homem.<sup>5</sup>

O bicho de Manuel Bandeira, que não era um gato, um cão ou um rato e que, ainda entre nós, anda por aí à busca de alimentos em meio aos detritos, é tema de um poema de observação social tão nítida que dispensa comentários e se atualiza em nosso próprio cotidiano. É mais um exemplo de um instante flagrado pelo olhar perscrutador do eu-lírico, também no âmbito do social.

“Meninos Carvoeiros”, a que já nos referimos anteriormente, completa nossa argumentação. Com certeza, sem carvão, mas nos semáforos vendendo bala, atualiza-se ainda para nós, fazendo-nos reconhecer o olhar, além de social, intemporal do poeta:

### **Meninos Carvoeiros**

- 1 Os meninos carvoeiros
- 2 Passam a caminho da cidade.
- 3 - Eh, carvoeiro!
- 4 E vão tocando os animais com um relho enorme.
  
- 5 Os burros são magrinhos e velhos.
- 6 Cada um leva seis sacos de carvão de lenha,
- 7 A aniagem é toda remendada.
- 8 Os carvões caem.

---

<sup>5</sup> Idem, pg 179

9 ( Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)

10 - Eh, carvoeiro!

11 Só mesmo estas crianças raquíticas

12 Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

13 A madrugada ingênua parece feita para eles...

14 Pequenina, ingênua miséria!

15 Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

16 - Eh, carvoeiro!

17 Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,

18 Encarapitados nas alimárias,

19 Apostando corrida,

20 Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!<sup>6</sup>

“Meninos Carvoeiros” parece ser um poema sobre a “pequenina, ingênua miséria”, explicitada pelo verso quatorze. Mistura a observação social da pobreza, o desamparo dos carvoeirinhos que apregoam seu produto dentro da madrugada, dia à fora, montados raquíticos (verso onze) nos burros magrinhos e velhos ( verso 5), burrinhos descadeirados (verso doze). A miséria se completa com o pão encarvoado que mordem, mas só ao voltar ( verso 17), expandindo-se ainda mais através da velhinha que se dobra ( com um gemido) e recolhe para si os restos da miséria, os carvões derrubados no chão, caídos das aniagens velhas e remendadas, mas que são, provavelmente, os únicos que ela terá para aquecê-la, diminuindo, quem sabe, os seus gemidos ( versos sete, oito e nove). A miséria que se alimenta do

trabalho miserável e a miséria que depende da própria sorte são alguns dos temas sociais do poema e, mais uma vez, de uma atualidade espantosa e dolorida. O que faz, portanto, com que Bandeira não mencione explicitamente esse texto como parte do olhar social de sua poesia?

Talvez a resposta possa estar assentada no desenvolvimento de um outro dom da poesia bandeiriana, ou seja, enxergar a infância através do olhar ao mesmo tempo emocionado e crítico do adulto, mas compreendendo-a tão de perto e tão intensamente como se a infância fosse um momento cristalizado em si e para si. Esse olhar lírico por sobre a miséria talvez descompense para o poeta o seu aspecto social. Os carvoeirinhos trabalhadores, essas **pequenas** crianças que passam a caminho da cidade, apregoando seu produto e tocando os animais com um relho **enorme**, vão mudando de figura nos últimos versos do poema. Sua miséria inquestionável cede espaço à sua natureza infantil e, assim, ameniza-se em termos : “ Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis”, conclui o eu-lírico no décimo quinto verso, criando uma ambigüidade de interpretação: os carvoeirinhos trabalham com a facilidade, a espontaneidade com a qual estariam brincando, ou trabalham como se brincassem porque o trabalho é sua real, e quase única, brincadeira? Talvez as duas coisas. Os carvoeirinhos, quando voltam, vêm instalados nos animais de carga, ou

“**eN**ca**R**apitados Nas ali**MáR**ias”.

As aliterações dos sons nasais, vocálico /e/, consonantais /m/ e /n/, e das vibrantes simples /r/, além das assonâncias das vogais /a/ e /i/, criam a sonoridade que precede a imagem daqueles que vêm “apostando corrida”, mas, principalmente “dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados”. Nesses versos repetem-se as aliterações e assonâncias dos sons nasais, vocálicos e consonantais, das laterais /l/ simplesmente ou /L/, laterais labiodentais palatais, além da predominância de sons vocálicos /a/, alguns dos quais, como vimos, nasais:

“**DaN**ça**N**do, ba**M**bolea**N**do Nas ca**N**ga**l**ha**s** como espa**N**ta**l**hos desa**M**parados!”

A sonoridade evidente cria o colorido alegre da infância, o qual o eu-lírico enxerga e atribui à humildade ingênua dos carvoeirinhos que, livres já

do trabalho, voltam comendo sua módica refeição, mas brincando, “apostando corrida”, naquelas que, há poucas horas, constituíam a alimária necessária ao trabalho duro. A alegria, contudo, desaparece em uma segunda leitura do último verso, deflagrada pelo substantivo “espantalhos”, adjetivado “desamparados”. Ao mesmo tempo em que dançam e bamboeiam, talvez por brincadeira, esses dois atos remetem novamente à sua miséria raquítica e de roupas remendadas, troteando um pouco trôpegos e sem firmeza pelo andar das bestas, por sua vez magrinhas e descadeiradas, metaforizados como espantalhos, remendados e desconjuntados, desamparados, como se nos afigura ser um espantalho, devido à natureza intrínseca de sua função.

O poema fecha, dessa forma, seu ciclo de miséria, enriquecido pela sugestão lírica da infância. A crermos na análise sugerida, indica-nos a presença do flagrante olhar do poeta sobre a questão social que recorta, miúda por um lado, a miséria dos carvoeirinhos e da velhinha que se dobra com um gemido, mas gigantesca, ao mesmo tempo, se a relacionamos a todas as outras misérias sociais e suas causas, miséria ainda a gravada pela fragilidade dos seres que a visão do eu-lírico encerra no poema: as duas pontas da vida, a infância e a velhice.

Escrito em Petrópolis em 1921 e publicado em 1924, em *O Ritmo Dissoluto*, o poema nos leva ao conhecimento do golpe de vista que o poeta lança por sobre a questão social, muito antes daqueles poemas que ele próprio indica como a realização desse seu desejo poético. Resta ao leitor da obra de Bandeira reencontrar, a qualquer momento, esse olhar, talvez inadvertido, do poeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARRIGUCCI Jr., Davi ( 1990). *Humildade, Paixão e Morte*. São Paulo: Companhia das Letras.

BANDEIRA, Manuel (1986). *Itinerário de Pasárgada*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília; INL.

BANDEIRA, Manuel ( 1989). *Estrela da Vida Inteira*. Introdução de Gilda e Antonio Candido Mello e Sousa. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.